

EM FOCO

DANÇAFÓRUM PORQUE O CORPO ATUA COGNITIVAMENTE COMO FÓRUM

*DANCEFORUM BECAUSE THE BODY
ACTS COGNITIVELY AS A FORUM*

LENIRA PERAL RENGEL

RENGEL, Lenira Peral.

Dançaforum porque o corpo atua cognitivamente como fórum Repertório,
Salvador, ano 25, n. 38, p. **47-65**, 2022.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i37.43658>

RESUMO

O objetivo da pesquisa é desvelar a característica cognitiva de que o corpo, qualquer corpo – com as devidas especificidades – é um fórum, uma “democracia neuronal”, uma comunidade que se estende por seu todo e pelo mundo. Essa proposta de **dançafórum** também tem sua inspiração no termo “teatro-fórum” de Augusto Boal. Dançamos – em improvisações coletivas ou pessoais, ou com técnicas de passos codificados – com a compreensão de que o corpo atua como um fórum dialogado, entrecortado, opinado, contradito, consensuado, simultâneo. Tais procedimentos metodológicos impulsionam uma ação de emancipação estendida no mundo. Concluímos que a **dançafórum** está a favor do corpo, das contradições, dores, sentimentos, rede sanguínea, respiração, ideias. A favor dos não dualismos impostos como forma de dominação, tão contrariamente aos modos cognitivos do corpo.

PALAVRAS-CHAVE:

dança; fórum; corpo;
dualismos; emancipação.

ABSTRACT

The research aims to unveil the cognitive characteristic that the body, any kind of body – with its specificities – is a forum; a “neuronal democracy” or community that spreads all around it and across the world. **Danceforum** also draws inspiration on the term “forum theatre”, coined by Augusto Boal. We dance – in individual or collective improvisations, or with codified techniques – with the understanding that the body acts as a dialogued, intersected, discussed, contradicted, consented, simultaneous forum. These methodological procedures drive the act for emancipation in the world. We conclude that the **danceforum** favours bodies, contradictions, pains, feelings, blood streams, breath and ideas. It favours non-dualisms imposed as a form of domination, which opposes the cognitive modes of the body.

KEYWORDS:

*spectator; contemporaneity;
experience; memory; time;
aroma of time.*

RESUMEN

La investigación prioriza, por sobre todo, develar que el cuerpo (cualquier cuerpo), - teniendo en cuenta sus especificidades - es un Fórum, una denominada “Democracia Neuronal”, una suerte de comunidad que se expande por sobre su todo y por el mundo a su alrededor. La propuesta de **Danzafórum** también surge de la inspiración basada en el término creado por Augusto Boal de “Teatro Fórum”. Bailamos – en improvisaciones de manera grupal o de manera individual, o aún personales, empleando técnicas con pasos codificados – comprendiendo de que el cuerpo actúa como un Fórum en diálogo, de forma consensuada, entrecortada, con opinión, contradicciones y en simultaneidad. Dichos procedimientos metodológicos, tienen por objeto impulsar una moción de emancipación en el mundo. Concluyendo, **Danzafórum** es por el cuerpo y por sus dolores, contradicciones, sentimientos, red sanguínea y respiración, así como por sus ideas.

Todo ello a favor del cognitivismo corporal, el cual va en contra de modelos binarios impuestos por el sistema en detrimento de aquél.

Palabras clave:

danza; foro; cuerpo;
dualismos; emancipación.



CORPO QUE DANÇA POR VIA DE E NÃO *VERSUS* A

Dançaforum experiencia o corpo – nesta pesquisa, o corpo humano – na cena biológica-cultural. Não importa, assim, saber o quanto de natureza e cultura estão em nossa inscrição com o mundo, importa saber que a experiência do corpo emerge de ambas. “Não é mais uma questão de natureza versus criação, mas de natureza via criação”. (RIDLEY, 2004, p. 12)

Dançaforum se faz com corpo. Qualquer corpo – com as devidas especificidades – é um fórum, uma “democracia neuronal” (NICOLELIS, 2011) que se estende por todo corpo e pelo mundo. O neurocientista Miguel Nicolelis traz a metáfora de que neurônios votam. Afirma que não se trata de um neurônio, um voto, mas de populações de neurônios. São bilhões de neurônios (células nervosas) em infinitas constelações, tilintando, tremeluzindo em uma vibração em rede pelo cérebro. A **dançaforum** se faz dessa plasticidade estendida que se dá com corpo e, não apenas, localizada no cérebro. Um modo de operar “fórum” imprime um modo de dançar fórum: os dedos se encostam, o cabelo ao vento responde, a lasca no pé replica, os ombros sacodem em tréplica, o estômago faz som, a garganta grunhe, uma lembrança emerge.

É por isso que nós, neurocientistas, acreditamos que o cérebro pode ser comparado a uma orquestra sinfônica, na qual a configuração física dos instrumentos – e, conseqüentemente, a sua sonoridade – é continuamente modificada por cada nota musical produzida por essa mesma filarmônica. (NICOLELIS, 2020, p. 19)

Entretanto, a proposta de localizacionismo,¹ elaborada pelo austríaco Harold F. J. Gall, em 1796, ainda perdura. E por serem as danças constituídas com o mundo, e não dele apartadas, disseminam, muitas delas, domínios localizacionais atravessados pelos encontros, diálogos, vocabulários de movimentos, por exemplo. Danças continuam a localizar aquela que “dança melhor” no centro do espaço e, portanto, no centro de uma ideologia. O localizacionismo é um desenvolvimento da Frenologia (*phrenós* = mente), que atribuía uma variedade de funções, chamadas de mentais e de emocionais, em certas partes definidas do cérebro. Ainda hoje, ramifica-se e afirma-se o cérebro como possuidor de regiões responsáveis por específicos sentimentos, sensações, movimentos ou raciocínios. Portanto, não ao localizacionismo, que traça muros e eles não têm cobogós por onde um mínimo de conexão possa ocorrer.

Dançaforum traça caminhos em topologias longas, curvas, assimétricas, por vezes simétricas, como os neurônios. Explode e conclama estar a favor do corpo. A favor de contradições, dores, sentimentos, rede sanguínea, respiração, ideias, sinapses. A favor de como é o corpo, e não por imposição de códigos, por muitas vezes, desnecessários. **Dançaforum** dança como mapas e imagens. (DAMÁSIO, 2011) O neurocientista António Damásio ensina que a vida pode ser vivida sem mapeamentos, ou seja, sem a “informação de si”, mas afirma que “mapear e gerir” andam de mãos dadas para uma gestão complexa. (DAMÁSIO, 2011, p. 87) Como corpo, o cérebro cria mapas e vai traçando/dançando imagens, as quais permitem sentimentos, raciocínios, a “informação de si”. A cartografia dos mapas e/ou mapeamentos é uma ação de interação, pois é uma relação com o próprio corpo, os objetos, as pessoas, as lembranças, a dança em fazimento. **Dançaforum**, como o mapeamento que o corpo faz, não é receptividade passiva, tampouco isolada, única. É sempre em bloco, em contexto, ou seja, em fórum.

1 Franz Joseph Gall desenvolveu estudos de frenologia, que se consolidaram no século XIX a partir da visão denominada localizacionista. De acordo com o localizacionismo, o cérebro atua de forma fragmentada, onde cada uma das regiões seria responsável por uma função mental e comportamental específica. Gall afirmava que ao analisar a superfície do crânio, seria possível indicar se uma faculdade mental era bem desenvolvida ou não.

COGNIÇÃO COMO SITUAÇÃO ÉTICA

Dançar o cérebro e, portanto, o corpo – como comunidade dialogada, contradita, consensuada (como um fórum) e com a coragem de encontros traumáticos consigo, impulsiona não mentir aos modos cognitivos do corpo. É um tracejar, uma abordagem por “éticas situacionais”. (COOLS; GIELEN, 2014) Segundo os autores, a arte – neste caso a dança – deve criar situações que sejam éticas. Cognitivamente, ou seja, em relação ao processo de conhecer em seu amplo sentido (emocional, sensório-motor, intelectual), o ensino/aprendizagem é efetivo se é situado. Situado no sentido de compreender o ambiente em que se está, perceber-se enquanto alguém que age no mundo e cujas ações não são mecânicas ou apenas funcionais. Elas são um conjunto psicológico, sociológico, cultural e político. Assim, o situado auxilia a “ética situacional”, já que esta favorece a elaboração de estratégias de conexão com o entorno (pessoas, **público, mundo**) e de consciência argumentativa via corpo. A partir da argumentação de Cools e Gielen (2014), as artes têm relação com a ética, porque trabalham com ficções, memórias, cabedais. Trabalham com propostas de futuro radicais que convocam a pessoa a atravessar diversos domínios do saber, que potencializam reflexões acerca do que é visto, sentido e/ou feito, no aqui e agora, na situação ética.

Dança-fórum faz tributo a Augusto Boal. O proceder ético emancipador trazido por ele, como “teatro-fórum”, envolve as pessoas em um debate contextualizado por alguma questão, e/ou tema, de alguém em estado de opressão. Ecoa em estéticas de tensões as autodescobertas, um caleidoscópio transluzente, denso, alegre, brumoso, feroz. A terminologia conceitualmente enativa de Boal é mobilizadora de ações de crítica e de liberdade. Enação (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993) efetiva, eticamente, o corpo com capacidades biológicas, psicológicas, sociais, culturais, agindo e elaborando seus processos criativo-cognitivos com o mundo, a escola, a família, a dança e pessoas amigas. Ou seja, o corpo como um fórum. **Corpofórum** configurado com instâncias indissociáveis para que possa existir e, portanto, agir, a favor de si próprio, a favor de como opera.

Corpo como fórum cognitivo requer explorar e ressignificar o termo “cognição”. Do modo largamente utilizado nas danças e nas artes, cognição é separada de

emoção, por exemplo. Artistas, em sua grande maioria, se vangloriam de serem “pura emoção”, por exemplo. George Lakoff e Mark Johnson (1999, p. 12), linguista e filósofo cognitivo, respectivamente, propõem a metáfora de uma “mão oculta que formata nosso pensamento consciente”. Essa mão oculta é por eles nomeada de “inconsciente cognitivo”.

Nas ciências cognitivas, o termo cognitivo é usado para qualquer operação mental ou estrutura que pode ser estudada em termos precisos. A maioria destas estruturas e operações têm sido descobertas como inconscientes. Então, processamento visual inclui o cognitivo, bem como o auditivo. Obviamente, nenhum dos dois é consciente, ***já que nós não temos***, nem poderíamos ter, ciência de cada processo neural envolvido no total e vastamente complicado processo que dá surgimento às experiências visual e auditiva conscientes. Memória e atenção estão incluídas no cognitivo. Todos os aspectos de pensamento e linguagem, conscientes ou inconscientes, são, portanto, cognitivos. Isto inclui a fonologia, gramática, sistemas conceituais, léxico mental e todas as inferências de qualquer sorte. Imaginação mental, emoções e concepção das operações motoras têm sido também estudadas a partir de tal perspectiva. E o modelo neural de qualquer operação cognitiva é também parte da ciência cognitiva.² (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 11, tradução nossa)

Como podemos tornar irrelevante o tato que faz com que alguém entenda um toque como uma negação? Ou o olfato que traz o cheiro da terra molhada e a poluição da queima da cana, ou da fumaça que sai dos carros e entra pela janela da sala de aula? Como achar que a cognição não engloba o pé que está dormente enquanto se aprende um passo de dança? Como apontam Lakoff e Johnson (1999), há inúmeros processos na cognição, inclusive o fato de a imaginação ser racionalmente engajada. A cognição é um amplo processo que engloba uma infinidade de outras questões, tais como sensações, sentimentos, inferências, ações fisiológicas, neurais, por exemplo. Não há como separá-las. Inclusive, há uma vasta maioria delas operando simultaneamente, em fórum, sem que tenhamos consciência. Por mais que possamos investigar e nomear percepção, razão,

2 “In cognitive science, the term cognitive is used for any kind of mental operation or structure that can be studied in precise terms. Most of these structures and operations have been found to be unconscious. Thus, visual processing falls under the cognitive, as does auditory processing. Obviously, neither of these is conscious, since we are not and could not possibly be aware of each of the neural processes involved in the vastly complicated total process that gives rise to conscious visual and auditory experience. Memory and attention fall under the cognitive. All aspects of thought and language, conscious or unconscious, are thus cognitive. This includes phonology, grammar, conceptual systems, the mental lexicon, and all unconscious inferences of any sort. Mental imagery, emotions, and the conception of motor operations have also been studied from such a cognitive perspective. And neural modeling of any cognitive operation is also part of cognitive science”.

sentimento e sensação, tais processos não são mutuamente excludentes. No entanto, ainda há a imposição de que a cognição é algo “racional”, algo que vai acontecer no final e, só então, alguém vai poder entender, seja uma dança, um passo, uma coreografia. Ao dançar a **dançarfórum**, tentativas, compreensões, silêncios, sensações, assim como muitos outros agires do **corpofórum**, são parte do processo cognitivo, o processo de conhecer a si, ao mundo, as danças.

George Lakoff e Mark Johnson (1999) configuram e criticam a metáfora da “Sociedade da Mente”, na qual há faculdades individuais, como se fossem pessoas que exercem atividades independentes, com personalidades particulares: percepção, imaginação, sentimento, intuição, desejo, compreensão, memória e razão. A experiência cognitiva não se dá assim. Não há um homúnculo personificado em faculdades (ou funções psicológicas) que, dentro de nossas mentes (é comum dizer “cabeças”), olha para o mundo através de nossos olhos, manipula e checa cada um dos nossos pensamentos em suas ações. Ou, ainda, um homúnculo “mental” poderoso que confere se as danças estão corretas, bem executadas ou são “melhores que outras”. Esse tipo de filosofia da mente tem uma perspectiva funcionalista, ou seja, eventos mentais não seriam eventos físicos. Nela não se aventa a possibilidade de haver um corpo que tem parte na natureza dos conceitos e razão humanos. Seria, de acordo com Lakoff e Johnson (1999), “uma filosofia sem carne”, como se a mente fosse um programa que rodasse em qualquer *hardware*, como uma metáfora de corpo como máquina.



“NÓS” TATEANDO EM OVOS

Abduções, pistas para criação.

Como um passo suspenso do chão sólido, em um bem-vindo instável equilíbrio, a **dançarfórum**. Suspensão que pesa um peso em gradação infinita, de leve a firme, nos modos labanianos.³ A qualidade da força do peso no/ do movimento depende de ideias, desejos, impulsos, intenções, inferências,

3 O termo “labanianos” caracteriza a importância do legado de Rudolf Laban (1879-1958) e seu estudo dos fatores de movimento como fluência, espaço, peso e tempo. Esses fatores têm qualidades, com nuances que expandem de modo libertador as possibilidades dos modos de mover. Como, por exemplo, locomover-se. Não se trata, tão somente, de leve **ou** firme, mas da gama imensa de tónus entre leve e firme (e/ou forte).

acazos, reflexões, fluxos, métricas, formas. Emergem do **corpofórum** o tematizar e problematizar dessa comunhão de fatores, gerando um “nós”, uma experiência que também é coletiva. Apesar de ser perigoso o uso da generalização, todo e qualquer fenômeno é um “nós”. O que é a dança? Pergunta apócrifa. corposmovimentosespaçosluzesounãofigurinosnudeztextoverbapapalinguagensadereçosnaturezasculturasgritoshistóriasritmosacontecimentosperguntasgentes públicospolíticastrocasincessantesimprovisostécnicas(in) disciplinasfronteirascorrosãodocaráterdynamicospace.

Por isso é um “nós”, um fórum, uma comunidade de fenômenos.

O “nós” floresce do lugar que se torna comunidade, onde há um compartilhamento de ideias, crenças, rituais e fóruns cotidianos. “Lugar é geografia, um local para a política; comunidade evoca as dimensões sociais e pessoais do lugar”. (SENNETT, 2012, p. 165) Ao tempo que “nós” traz cenas de ligação e profundidade de relações emocionais, sensoriais, intelectuais, como na **dançafórum**, essa comunidade pode ser perigosa, agir defensivamente contra si própria, contra nós. Ou contra outras pessoas, outros nós, outras danças que não as nossas. “Nós”. “Pronome perigoso”, como afirma Richard Sennett (2012).

Superficialidades, impaciências, egoísmos, falta de solidariedade, medo, desrespeito em cada expressão, em cada palavra, em cada gesto. De novo, abduções. Algumas pistas de processos criativos buscavam tratar das delicadezas e de como estava difícil se mover (com todos os sentidos) com os muitos “nós” em questão: classe, crença, etnia, teoria, prática, gênero, grana, falta de grana. Tudo muito por um fio, tateando em ovos. Sim, é preciso transitar (dentrofora do corpo) em ovos para falar e dançar com as pessoas, com cuidado e respeito. Ao mesmo tempo, existe a ambivalência da metáfora, pois os ovos são jogados em quem se odeia, nas pessoas que são canceladas e deletadas como coisas. Todo o tempo temos que pensar/sentir para falar?

A **dançafórum** foi realizada a partir desta problematização. Setecentos ovos crus. Uma praça imensa, com um evento acontecendo e com a presença de muitas pessoas. Os ovos foram levados em um carrinho de construção. O andar lento e levíssimo, para não os quebrar. Figurinos de modo cotidiano, na maioria.

Anteriormente, ensaios ocorreram: muitos experimentos para segurar e tocar o(s) ovo(s). A movimentação era de dança e não cotidiana, embora fosse não codificada de modo específico. Ao colocar um ovo na mão de alguém do público, o estado corporal mudava, ou seja, a pessoa tinha entrado no fórum. Ovos no chão traçados em volta das pessoas. Tensão, atenção, estranhamento, cuidado, leveza para não pisar neles. Estavam na discussão da **dançafórum**. Receio de levar uma ovada? Sim, mas não aconteceu. Pouquíssimos ovos se quebraram (apenas sete). Quando acontecia de um ovo quebrar, era sinal de muita dor, tremores fortes. Os participantes-público perceberam a importância de não quebrar os ovos. Sem oralidade. Ao primeiro contato, quando havia alguma pergunta verbal, o retorno era o gesto de entregar o ovo ou ovos. No final, muitos quiseram verbalizar que tinham “entendido”, outras pessoas faziam sinais com a cabeça, com as mãos. Foi criado pela leveza dos movimentos, um estado de suspensão, ao tempo que de muita atenção. Os ovos foram doados – muitos, todos – frescos, saudáveis. Alimento não se desperdiça.

CORPOPÉTALA, CORPOESPINHO, CORPOESPINHOPÉTALA – AMBIVALÊNCIA E DUALISMOS

Dentro da sala de ensaio, muitas pétalas de rosas e espinhos (não só de rosas) pelo chão misturados, em cestos separados e em cestos reunidos. Uma sensação-pensamento como tema: ambivalência não é dualismo (corpo X mente). Ambivalência é própria dos corpos. Lidar com ela é estar a favor do corpo.

Mínimos pedaços de fita adesiva dupla colaram em nós um corpoespinhopétala, por vezes corpoespinho, por vezes corpopétala. Dançamos. Não é possível encostar no corpoespinho, mas no corpoespinhopétala é. Mais ainda, a favor do corpo não é possível pensar sem sentir, e vice-versa. Corpopétala é macio, cheiroso. Corpoespinho dói. Corpoespinhopétala (os corpos que somos, o que as danças são) é ambivalente.

Dançaforum a favor dos não dualismos (CHURCHLAND, 2004) impostos como forma de dominação, porque contra aos modos cognitivos do corpo. A **dançaforum** segue tentando mostrar que são blefes os dizeres que afirmam que se aboliu o pensamento dualista, simulando – falsamente - uma integração corpo e mente. Dizer “integração corpo e mente”, por exemplo, demonstra que há algo que precisa se integrar. Portanto, entende-se, sente-se, ensina-se a ideia de mente versus corpo. É preciso praticar o entendimento de que ambos são integrados de partida.

A reflexão do filósofo cognitivo Paul M. Churchland (2004) transforma radicalmente a noção do que se sabe sobre dualismo, isto é, dualismos. Tal revisão coloca imperativos prementes a serem questionados em relação à abordagem dualista da mente. Nela estão incluídas concepções bem diversas, tais como objetivismo, fisicalismo, atomismo, mentalismo, vitalismo, holismo etc. Porém, conforme ressalta Paul Churchland (2004, p. 26), todas elas concordam que há “[...] algo que é não-físico, algo que está definitivamente para além do âmbito de ciências como a física, a neurofisiologia e a ciência da computação”. O pesquisador acrescenta, ainda, que é a concepção mais amplamente difundida na história do que chamamos de Ocidente.

O primeiro tipo de dualismo discriminado é o “dualismo da substância” ou o “dualismo cartesiano”. Segundo essa concepção, a mente é algo ou coisa ou pacote particular, independentemente de qualquer corpo físico ao qual temporariamente se conecta. De acordo com Churchland (2004), René Descartes dividiu a realidade em dois tipos básicos de substância: *res extensa* e *res pensante*. Paul Churchland dividiu a realidade em dois tipos básicos de substância: *res extensa* e *res pensante*. Paul Churchland afirma, ainda, que Descartes não minimizou a importância da *res extensa*, ao ocupar determinado lugar no espaço, com altura, largura e profundidade. Contudo a mesma não explicava a razão consciente humana, *res pensante*, sem extensão ou posição no espaço. Considerado um dos físicos mais criativos do seu tempo, Descartes dizia que “espíritos animais” transmitiam a influência da mente para o corpo em geral. Todavia, Paul Churchland afirma que Descartes não chegou a resolver a questão de como substâncias tão distintas – algo que é espacial com algo não espacial – poderiam se comunicar.

Ponderando as dificuldades existentes no dualismo de substância, Paul Churchland (2004) nomeia outros tipos de dualismos. Um segundo tipo, menos radical, é o

dualismo popular, no qual a mente se apresenta em contato com o cérebro – e a partir dele, o contato vai para o “resto” do corpo. Portanto, com essa configuração, dá-se à mente uma constituição espacial, porém de constituição interna absolutamente diferente da matéria física. Como é impossível para os projetos dualistas provarem a existência de uma substância não material, original e pensante? Estes projetos articulam formas mais brandas dessa filosofia da mente.

Assim, a terceira discriminação de Churchland (2004) é o dualismo de propriedade. Nessa concepção, só existe o cérebro como sendo uma substância envolvida nessa questão do dualismo. Só que ele, o cérebro, tem tipos de propriedade que nenhum outro objeto físico possui: tem propriedades tanto físicas quanto não-físicas, que seriam as propriedades da inteligência consciente. Elas são tidas como não físicas porque jamais podem ser reduzidas ou explicadas em termos dos conceitos das ciências físicas habituais. Notamos que é um tipo de dualismo de substância, mas ocorre com o cérebro, enquanto um conjunto físico versus mental. As propriedades especiais (não físicas) seriam (nesse dualismo de propriedade), por exemplo, sentir dor, pensar, desejar. Desejos, decisões, volições, por exemplo, ocorrem e os podemos ver (com próteses adequadas) em pequenas cintilações tremeluzentes no cérebrocorpo. Porém, segundo esses dualistas, são apenas epifenômenos. Eles ocorrem “acima” do físico. É o chamado epifenomenalismo (*epi*, prefixo grego, que significa acima).

Um quarto tipo de dualismo é identificado como dualismo interacionista de propriedade. Esse entendimento coloca as propriedades físicas e não-físicas em interação sistemática, portanto, as propriedades mentais não estariam acima das físicas. As propriedades mentais são consideradas emergentes das propriedades físicas. Exemplos de propriedades emergentes: a de ser sólido, a de ser colorido, a de ser vivo, a de ser pesado. O dualismo está na afirmação de que elas estão para além de qualquer explicação ou previsão, pois o axioma é o da irreducibilidade das propriedades mentais a uma descrição física.

Uma **quinta** e última classificação é a do dualismo da propriedade elementar. Neste, as propriedades mentais seriam fundamentais – como extensão ou carga elétrica, por exemplo - e estariam aqui desde sempre. Ou seja, desde o surgimento do universo. Não seriam emergentes das propriedades físicas, mas sim também

irredutíveis a explicações físicas. Como os argumentos de que as propriedades mentais são coemergentes com a organização da matéria são fortemente evidentes, é praticamente impossível dizer que propriedades mentais seriam fundamentais, básicas ou elementares.



(CINE)ESFERAS DE REFLEXÕES

No traçado de pensar natureza via cultura e não natureza versus cultura – e vice-versa –, é importante ressaltar que os conceitos de reflexão e autorreflexão são comumente considerados como conhecimento do intelecto sobre si mesmo. Ambos os conceitos são tratados como abstração, no sentido de isolar a coisa previamente escolhida das demais, com as quais ela está em uma relação qualquer. Assim, assume-se como objeto específico de consideração aquilo que foi isolado. Isso leva, evidentemente, a separar o corpo dele mesmo, como se a pessoa, ou corpo, fosse um que reflete (raciocina) e outro que se vê raciocinar. Nas rodas de conversa (depois, antes, durante as dançasfórum), o argumento posto é que se deve abolir a preposição utilizada após os verbos ou adjetivos ou substantivos relativos à reflexão. Reflexão, aqui abordado como experiência, conforme proposto por Varela, Thompson e Rosch (1993). E **não** reflexão **sobre** experiência. Ou seja, refletir e dialogar são experiências, mesmo que abordem experiências recém realizadas ou não. Já em relação à experiência, é mister saber que não se trata, tão somente, de relações imediatas, físicas ou práticas com o mundo, que se repetem, e aí concluímos que “temos experiência” em um dado assunto. A experiência depende dos contextos cultural, psicológico, social e político. A experiência está implicada no que se sabe, no que se estuda e se aprende, e onde se vive. As experiências são do intelecto e também do pensamento.

Uma ideia de uma dança é ensinada e compreendida como algo antes de uma ação, como algo mental, como pensamento, como representação de algo concreto, como noção de alguma coisa, sem dar conta dos processos ativos que coemergem e geram uma ideia. Ideia é a sua própria implementação na atitude

comportamental das pessoas. Ideias, conceitos e propostas não são abstrações sem corpo. São atos com suas abstrações. É inegável a abstração, no sentido de inferência simbólica, como processo do corpo. Por isso, também, é impossível dizer em uma inversão simplista que só há atos. Ideia não é a dança sendo dançada, obviamente, mas já é um ato de movimento dos neurônios, do corpo todo que se arrepia, se alivia, se debate e se contradiz com uma ideia. Ou seja, que é parte de processos cognitivos sensórios e abstratos do **corpofórum**.

A partir desta ideia, o conceito também coevolui, coemergindo com o pensamento, a ação, o ambiente. É um fluxo de constante pulsão transformadora de estruturas neurais (corpóreas). **Dançafórum** conversa, dança, respeita corpos e coloca em questão essas próprias noções que precisam ser revisitadas e, sobretudo, reelaboradas. De modo amplo, as representações de um conceito ou de uma ideia são entendidas, nas cenas educacionais e dos palcos da dança, como manipulação de símbolos ou figuras – como ícones de computador –, que têm, ao mesmo tempo, uma realidade material e semântica, localizados “dentro” do cérebro, e que representam o mundo, independentemente do resto do corpo. Há, ainda, uma linha de pensamento que compreende a representação como um cálculo em paralelo, como se as representações – de, por exemplo, uma cadeira, um cavalo, um passo de dança ou um tema de livro – fossem traduzidas por redes neurais para os estados simbólicos, espelhando-as *para passu*. Como se não houvesse processo em conjunto, ou seja, em fórum, com o resto do corpo, sem atenção ao que a pessoa pensa/sente ou metaboliza em relação à cadeira, ao livro, ao passo de dança. Então, mesmo aceitando que redes neurais (corpóreas) fazem parte do processo de representar, o sentido de “em paralelo” não leva em conta a pessoa inserida no ambiente, em como ela está, em como ela é.

Esses aspectos têm relação com a visão funcionalista da mente, uma teoria da correspondência do que seja a verdade, que declara como sendo verdadeira a relação entre as palavras e seu objetivo o mundo real, independente e alheio a qualquer corpo. Com essa proposição, parece que se pensa somente por palavras escritas ou faladas. “A colcha de retalhos formada de declamação ideológica e de fatos que foram apropriados, isto é, na maior parte das vezes decorados, revela que foi rompido o nexos entre objeto e reflexão”. (ADORNO, 2003, p. 63) São ensinados a crianças, jovens e adultos, por exemplo, os movimentos de rotação

e translação da terra, a geometria euclidiana ou nomes de músculos e ossos, movimentos como se fossem entidades: **A** rotação, **A** translação, **A** perpendicularidade, **O** joelho, **O** AU da capoeira. Nossos jovens e crianças são ensinados a sentir e a pensar que sentimento e pensamento vêm de fora do corpo. Treina-se a não se entenderem como fórum. Mais uma vez, a visão funcionalista da mente não é a favor do corpo. Estudam-se disciplinas e conceitos morais, por exemplo, com indução para as relações entre conceitos abstratos e as coisas em uma mente externa ao mundo. Como entender, por exemplo, cintura escapular e sistema respiratório como parte do **corpofórum**? Parafraseando a reflexão de Theodor Adorno (2003), não se relaciona o que se ensina a quem aprende.

DANÇA FÓRUM TRAÇADA EM EXCERTOS DA POESIA DE ÓSSIP MANDELSTAM (2006)

Este meu corpo

*Este meu corpo, que alguém me deu,
Que fazer dele, tão um, tão meu?*

*Respirar, este quieto prazer
– Digam-me – a quem devo agradecer?*

Sou jardineiro ou só flor que fana?

Não estou só na prisão humana.

Sobre as vidraças do infinito

Eis meu calor, meu sopro inscrito.

Minha marca está ali impressa,

Mesmo que não se reconheça.

Que escoe a borra desta hora,

Ela está ali – não vai embora.

Ossip Mandelstam (1909 apud CAMPOS, 2006)

Juntando o “nós”, os cacos coletivos, a **dançafórum** se inspira na poesia de Óssip Mandelstam (2006). Nós, a infância. Nós, os jovens. Nós, as pessoas adultas. Culturas e linguagens que se fraturam. Como conectarmos mundos “*tão um, tão meu*”? Como nos conectar com as crianças que correm ensandecidas para o pátio de chão de terra da escola, ao saírem de uma sala de aula com cadeiras enfileiradas, com um tempo marcado pela sirene gritante, violenta, nada a favor dos corpos. Alguém, quase sempre uma pessoa adulta, diz, em fala e gesto: “PAREM!!!!” Eu digo: “DEIXA!!!!” As crianças têm mais é que correr ensandecidas. “Vá a favor do corpo”. Estão gritando quando entram na sala? Grite junto. **Dançafórum** toma o grito como tema, como assunto da aula, e grita de muitos modos. Inventa e propõe processos criativos: saltitando em volta do chinelo gritando o próprio nome ou grita baixo com a mão em concha encostada na boca. **Dançafórum** envolve todas as pessoas na questão do grito, mesmo as que não querem gritar. “*Que fazer dele, tão um, tão meu?*” Abra o peito para o céu e grite.

Aprender a correr junto com as crianças ensandecidas para buscar conexão neste

“Respirar, este quieto prazer

– Digam-me – a quem devo agradecer?

Sou jardineiro ou só flor que fana?

Não estou só na prisão humana”

Depois de correr e gritar, um “*Respirar, este quieto prazer*”. E não estamos sós na “prisão humana”. Somos presas da natureza e da cultura. Propõe a **dançafórum** que se aceite a “prisão humana”? Não. Entretanto, que se compreenda por que há uma “prisão humana”. Uma “prisão humana” que, em embate ambivalente, ajuda a emancipar em prol da compreensão acerca de si e manifesta a questão do determinismo e do livre arbítrio. Steven Rose (2006) ensina a reconhecer a força dos genes sem subscrevê-los ao determinismo genético. Insta ao não apego, ao conceito de livre-arbítrio, a fim de uma fuga dos laços do determinismo. Ao longo da evolução da espécie humana, de acordo com Rose, há um contínuo de acaso e indeterminação. Tomamos decisões (livre-arbítrio) o tempo todo, inseridos em um contexto (naturalcultural) que nos apresenta circunstâncias que não são da nossa escolha (determinismo).

O 'ambiente' se impõe desde o momento da concepção, e fatores no útero materno, dependentes da saúde e do contexto da mãe, afetam profundamente o desenvolvimento – até mesmo para gêmeos idênticos, a posição dos dois fetos no útero garante diferenças no desenvolvimento – mas isso não é tudo. O próprio conceito de genes e ambiente desassociados é enganoso quanto à natureza dos processos em desenvolvimento. (ROSE, 2006, p. 75)

Dançar a liberdade das danças e prisões culturalizadas, que são elaboradas para manipular e dominar o corpo. Atuar enativamente contra as prisões que são contra os modos de operar do corpo. Sim. Ir contra um poder opressivo é ir a favor do corpo.

*"Sobre as vidraças do infinito
Eis meu calor, meu sopro inscrito".*

Dançafórum se faz como contradispositivo cognitivo cultural, político e artístico. Agamben (2009, p. 40) chama de dispositivo "qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes". Como ensinou Augusto Boal (2009, p. 17): "Não podemos continuar nutrindo ilusões de que todas criancinhas são anjinhos e todos os humanos, gente boa. Conhecer a verdade é necessário para transformá-la". Mobilizar uma revolução do contradispositivo reconhece - com muita dor, mas não sem esperança - a impossibilidade de seu acontecer em sua ampla radicalidade. Todavia, tal fato não elide ações contradispositivas, como a **dançafórum**, com linhas (não apenas retas, mas também curvas e torcidas), caminhos, coreografias, improvisações que tracem fissuras nos dispositivos de poder.

*"Minha marca está ali impressa,
Mesmo que não se reconheça".*

Ainda que não se reconheça, que se torne invisível, a marca do corpo está impressa no espaçotempo. A professora Ana Paula Meneses (2016) nos fala de "um desafio cognitivo". Ela argumenta como o tempo e o espaço foram/são colonizados e como isso afeta definições do ser e dos seus sentidos. A partir das

ponderações da antropóloga, aprende-se como se criou uma “alteridade espaço/tempo” e uma hierarquização espacial e temporal. Referindo-se ao colonialismo, a pesquisadora explana como se colocou em um tempo e em um espaço das “trevas da ignorância” toda uma civilização ou civilizações. A **dançafórum** insiste e insta à emancipação do corpo. O corpo aprende a se invisibilizar ao acreditar que seja sempre difícil que sua mente seja inteligente, esperta e limpa, relegando ao corpo um rele comando inculto, mecânico, braçal e sujo. A marca da emancipação está presente. Acontece que ela é sistematicamente bloqueada.

Os dualismos são uma ignóbil prisão. A pessoa aprende de muitos modos a ser dualista. A **dançafórum** atua todo o tempo a favor dos modos de operar do corpo, ainda que tenhamos de ir contra à nossa própria natureza.

Não há contradição alguma em considerar o darwinismo correto enquanto cientista e acadêmico e, ao mesmo tempo, me opor a ele como ser humano. Por razões absolutamente darwinianas, a evolução nos legou um cérebro que se avolumou até o ponto de se tornar capaz de compreender a sua própria origem, de deplorar suas implicações morais e lutar contra elas. (DAWKINS, 2005, p. 29)

Drásticos são os dualismos. Fragmentam, torturam, mentem, criam às avessas uma dominação consentida, pois o corpo (a pessoa, obviamente) se acredita dualista. A emancipação começa no corpo, enfatizamos. As danças, juntamente às tradições, invenções e elaborações, devem cavar e desocultar o corpo. É preciso ensinar às crianças, jovens e adultos a alfabetizarem o corpo (nós). O dualismo corpo X mente encobre as percepções sobre as hegemonias construídas no mundo pelos seres humanos. Como se o saber de si, a consciência política, não fosse parte do corpo, e sim uma entidade abstrata. Um processo de emancipação deve começar no corpo, junto ao contexto político, social, histórico e pessoal.

O sociólogo e professor Jessé Souza (2021) aponta que a distinção entre espírito e corpo é fundamental como pressuposto das origens das desigualdades sociais, difundidas primeiramente na Europa e depois em diversas regiões do mundo, inclusive no Brasil. O espírito seria a disciplina, a virtude, a moralidade, a capacidade estética, o caminho para a salvação. O corpo seria o lugar de paixões

incontroláveis, o desejo, a loucura, o sexo. A **dançafórum** se coloca contra essa “ideia-força”, de separação espírito (mente, razão) e corpo, pois o argumento é o de que ela é eficaz para gerar inúmeros dicotômicos gumes mortais que separam classes sociais, pessoas, raças, danças, países.

Nossa gramática moral vai sendo moldada contra o corpo. Aprendemos a ligar a ideia de coisas positivas e valorosas ao espírito, e o que é desprezível e inferior ao corpo. Daí a cultura erudita, a dança erudita e as danças populares. Por isso a emancipação deve começar pelo corpo: não ser dualista é uma prática cotidiana. O corpo se coloniza a partir da imposição da ideia classificatória de cultura superior do espírito (razão, mente) e de cultura inferior (corpo), quer sejam as culturas em sua pluralidade e as danças “nós”. As culturas do mundo, as danças do mundo, portanto, tendem a se separar a partir desta oposição. Para dominar é preciso fragmentar e classificar, por isso quase nunca aceitamos o corpo que somos: “gorda, feia, magrela, varapau, burra, faça não pense, não sinta, não fale, não ouça!”. Como natureza cultura, o corpo que dança a **dançafórum** reconhece e enfrenta o processo de desumanização contra si próprio, para estar a favor de si próprio e de “nós”.

*“Que escoe a borra desta hora,
Ela está ali – não vai embora”.*

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?: e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BOAL, A. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garmond, 2009.
- BOAL, A. P. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CAMPOS, A. (org.). *Poesia da recusa*. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção signos, n. 42).
- CHURCHLAND, P. *Matéria e consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

COOLS, G.; GIELEN, P. (ed.). *The ethics of art: ecological turns in the performing arts*. Amsterdam: Valiz, 2014.

DAMÁSIO, A. R. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAWKINS, R. *O capelão do diabo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

GIELEN, P. Situational ethics: an artistic ecology. In: COOLS, G.; GIELEN, P. (ed.). *The ethics of art: ecological turns in the performing arts*. Amsterdam: Valiz, 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MANDELSTAM, Ó. Este meu corpo. In: CAMPOS, A. (org.). *Poesia da recusa*. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção signos, n. 42).

MENESES, M. P. Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique. *OPISIS, Catalão*, v. 16, n. 1, p. 26-44, 2016.

NICOLELIS, M. *Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebros e máquina: e como ela pode mudar nossas vidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NICOLELIS, M. *O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos*. São Paulo: Planeta, 2020.

RIDLEY, M. *O que nos faz humanos: genes, natureza e experiência*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ROSE, S. *O cérebro do século XXI: como entender, manipular e desenvolver a mente*. São Paulo: Globo, 2006.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SOUZA, J. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *L'inscription corporelle de l'esprit: sciences cognitives et expérience humaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

RENGEL, LENIRA PERAL: doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP), mestre em Artes (UNICAMP-SP), bacharel em direção Teatral (ECA/USP). Pesquisadora PQ2 CNPq. Atua principalmente nos temas: danças, corpos e cognições, aspectos enativos do movimento, ciências cognitivas e semiótica, procedimento metafórico do corpo; corponectividade; ética situacional; epistemologias do sul, prática de estágio em Dança. Agrega esses temas aos aprofundados estudos e pesquisas na Arte de Movimento de Rudolf Laban (por 23 anos estudos com Maria Duschenes, introdutora de Laban no Brasil e pesquisa de Mestrado finalizada no Laban Center de Londres). Líder do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças.